

## Topofobia e Topofilia em *O Quinze*: uma análise ecocrítica da obra de Rachel de Queiroz

*Topophobia and Topophilia in O Quinze: an ecocritical analysis of Rachel de Queiroz's work*

*Topofobia y Topofilia en O Quinze: un análisis ecocrítico de la obra de Rachel de Queiroz*

Elisângela Campos Damasceno Sarmiento<sup>1</sup>

 <https://orcid.org/0000-0000-0003-3002-1120>

Geraldo Jorge Barbosa de Moura<sup>2</sup>

 <https://orcid.org/0000-0001-7241-7524>

---

**RESUMO:** Em 1930, a escritora Rachel de Queiroz publica a obra *O Quinze* que se enquadra na prosa regionalista da segunda fase do Modernismo brasileiro, pondo em evidência o sertão cearense. Nesse contexto, esta pesquisa tem como objetivo investigar, sob o método da Análise do Discurso de Linha Francesa e da perspectiva Ecocrítica - que estuda as imbricações entre a Literatura e a Ecologia -, as relações homem-ambiente e as representações do sertanejo e do sertão que a autora delineia, dialogando, também, com o sentimento humano que é despertado na interlocução com o lugar, com o ambiente e com o território, tendo em vista os conceitos de topofobia – aversão ao ambiente físico - e topofilia – familiaridade ou apego, propostos, em 1980, pelo geógrafo chinês Yi-Fu Tuan. Sendo assim, os discursos presentes na narrativa demonstram a predominância do sentimento de horror à caatinga (topofobia), em virtude dos problemas decorrentes da seca, embora ocorra uma alteração da paisagem em meio às primeiras chuvas, modificando, também, a relação do homem com o ambiente, tornando-a mais amena e, portanto, topofílica. Desse modo, a Ecocrítica constitui-se como um campo interdisciplinar e transdisciplinar, representando, assim, uma robusta ferramenta à compreensão das relações homem-ambiente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geografia Humanista. Literatura. Ecologia Humana.

**ABSTRACT:** *In 1930, the writer Rachel de Queiroz published the work O Quinze, which it fits into the regionalist prose of the second phase of Brazilian Modernism, highlighting the Ceará sertão. In this context, this research aims to investigate, under the method of Discourse Analysis of the French Line and the Ecocritical perspective - which studies the imbrications between Literature and Ecology -, the*

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental - Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus Juazeiro. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI – Campus Paulistana. E-mail: elisceno@ifpi.edu.br.

<sup>2</sup> Doutorado em Ciências Biológicas pela UFPB-UFRN/Brasil e UBA/Argentina. Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. E-mail: geraldo.jbmoura@ufrpe.br.

*human-environment relations and the representations of the sertanejo and the sertão that the author describes, also dialoguing with the human feeling that is awakened in the dialogue with the place, with the environment and with the territory, in view of the concepts of topophobia - aversion to the physical environment - and topophilia - familiarity or attachment, proposed in 1980 by Chinese geographer Yi-Fu Tuan. Thus, the discourses present in the narrative demonstrate the predominance of the feeling of horror of the caatinga (topophobia), due to the problems arising from the drought, although there is a change in the landscape amidst the first rains, also modifying the relationship of man with the environment, making it more pleasant and therefore topophilic. In this way, Ecocritique is constituted as an interdisciplinary and transdisciplinary field, thus representing a robust tool for understanding human-environment relations.*

**KEYWORDS:** *Humanistic Geography. Literature. Human Ecology.*

**RESUMEN:** *En 1930, la escritora Rachel de Queiroz publicó la obra O Quinze, que encaja en la prosa regionalista de la segunda fase del Modernismo brasileño, destacando el sertão cearense. En este contexto, esta investigación tiene como objetivo investigar, bajo el método de Análisis del Discurso de la Línea Francesa y la Perspectiva Ecocrítica --que estudia las imbricaciones entre Literatura y Ecología--, las relaciones humano-ambiente y las representaciones del sertanejo y el sertão que plantea el autor, dialogando también con el sentimiento humano que se despierta en el diálogo con el lugar, con el medio ambiente y con el territorio, ante los conceptos de topofobia - aversión al medio físico - y topofilia - familiaridad o apego, propuesto en 1980 por el geógrafo chino Yi-Fu Tuan. Así, los discursos presentes en la narrativa evidencian el predominio del sentimiento de horror de la caatinga (topofobia), debido a los problemas derivados de la sequía, aunque hay un cambio de paisaje en medio de las primeras lluvias, modificando también la relación de hombre con el medio ambiente, haciéndolo más agradable y, por tanto, topófilo. De esta manera, Ecocritique se constituye como un campo interdisciplinario y transdisciplinario, representando así una herramienta robusta para comprender las relaciones humano-ambiente.*

**PALABRAS-CLAVE:** *Geografía Humanística. Literatura. Ecología Humana.*

---

## INTRODUÇÃO

Em primeiro lugar, ressalta-se que a origem do termo “Ecologia” advém da Biologia e tem se ramificado, surgindo outras abordagens, como Ecologia Humana, Ecologia Social, Ecocrítica, em face da íntima imbricação com a Antropologia, a Sociologia, a Filosofia e a Literatura, assumindo, dessa maneira, um caráter, efetivamente, interdisciplinar e transdisciplinar.

Nesse cenário de análises interdisciplinares e transdisciplinares na interlocução homem-ambiente, vale ponderar que, no final da década de 1970, a partir dos trabalhos do norte-americano William Ruecker, que se notabilizou no contexto da Literatura americana, iniciaram-se os estudos acerca da Ecocrítica - correlação Literatura-Ecologia - e se evidenciaram, nos debates científicos, as obras literárias como fortes impulsionadoras de conhecimentos que representam a realidade humana na imbricação com o ambiente, a sociedade e a cultura.

Todavia, essa área de investigação só passou a ser, primordialmente, considerada a partir de 1989, quando Cheryll Glotfelty, participando do Encontro da Associação de Literatura do Oeste dos Estados Unidos, instigou o seu uso no campo crítico. A partir daí, surgiu uma ferramenta que vem auxiliando os pesquisadores a analisarem as relações homem-ambiente, mediadas por obras literárias que permeiam saberes e percepções inter e transdisciplinares sobre o lugar, o ambiente, o território e os grupos sociais que lá habitam.

Dessarte, para a presente pesquisa, a Ecocrítica suscita uma análise menos reducionista, uma vez que congrega diversos conhecimentos que se inter cruzam, favorecendo, assim, a abrangência de olhares em torno das relações homem-ambiente e das representações do sertanejo e do sertão na obra moderna *O Quinze*, de Rachel de Queiroz.

Partindo dessa premissa e norteadas pelas imbricações estabelecidas com diversas ciências, a Ecocrítica relaciona-se com História, Sociologia, Filosofia, Antropologia e Geografia, mencionando, somente, algumas das áreas no vasto campo de inter-relações dos saberes em que está inserida, sendo, pois, uma rica perspectiva no universo de possibilidades acadêmico-científicas.

Tendo em vista o estabelecimento de uma interface entre Ecologia, Literatura e Geografia, vale frisar as contribuições da Geografia Humanista que tem como objetivo precípua analisar os comportamentos e as relações entre os sentimentos humanos e o lugar habitado. Nesses termos, é a subjetividade, conectada ao meio, que sinaliza a possibilidade de definição de dois termos: topofilia que remete à familiaridade, apego ao lugar - já que *topo* denota lugar e *filia* refere-se à filiação - e topofobia que traz uma significação inversa, haja vista que *fobia* alude à aversão, tornando-se o lugar do medo, da repugnância.

Por conseguinte, há tanto o apego quanto o horror no que tange ao trinômio seres humanos-lugar-natureza. Nesse contexto, as percepções topofílicas e topofóbicas podem, certamente, ser encontradas na arte literária, visto que o objeto literário não existe sem a personagem de ficção e esta tem a vida traçada conforme certas condições de espaço que influenciam, diretamente, a sua trajetória na trama.

Outrossim, a perspectiva ecocrítica, nascendo da junção entre Ecologia e Crítica e permeada pelo texto literário, configura-se como uma das possibilidades de interpretação da realidade, quando se busca analisar as relações do homem com o ambiente, levando em conta as suas múltiplas faces, sejam elas socioculturais ou simbólicas, destacando, assim, os vieses inter e transdisciplinar que lhe são intrínsecos.

Na obra *O Quinze*, apresenta-se, como tema principal, a grande seca de 1915, sobre a qual a autora tanto ouviu comentar. Ressalta-se que esse primeiro livro destacou-se como, verdadeiramente, brasileiro e inaugura a presença feminina na segunda fase do Modernismo brasileiro. A partir disso, começa a saga de uma escritora que se lançava no

universo ficcional, resistindo aos preconceitos de uma sociedade patriarcalista e conservadora.

Nesse panorama, Rachel de Queiroz conquista a façanha de se tornar, em 1977, a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, denunciando a miséria do sertanejo em meio à seca e às consequências dela decorrentes. Ademais, o enredo de *O Quinze* não se limita ao problema da seca, porém o entrecorta com outros temas, como, por exemplo, a inércia do governo, o oportunismo de alguns e o altruísmo de outros; a resistência do sertanejo e o amor pelo lugar de origem.

Portanto, *O Quinze*, embora se enquadre no regionalismo de 1930, não se conteve ao tema central da segunda fase do Modernismo – a seca do Nordeste – adentrando em complexos mundos, como o psicológico e a formação de um novo grupo social, invisível à elite: o retirante, visto que o fenômeno da seca configura-se, muito mais, como uma deformação ética e política do que um agravo geográfico-hidrológico.

Isso posto, o presente estudo tem como objetivo analisar as relações homem-ambiente e as representações do sertanejo e do sertão que a autora delinea, dialogando, também, com o sentimento humano que é despertado na interlocução com o lugar, com o ambiente e com o território, tendo em vista os conceitos de topofobia e topofilia. Adicionalmente, ressalta-se que esta investigação parte da hipótese de que o discurso topofóbico sobressai-se em comparação ao topofílico.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

A partir desses elementos contextuais, esta pesquisa assenta-se na obra *O Quinze* (1930/2012), de Rachel de Queiroz, que reúne breves 26 capítulos que têm, como pano de fundo, as consequências da seca e as mudanças de realidade com a chegada da chuva, além de temáticas paralelas que deixam a trama mais envolvente. Com vistas a realizar esta investigação, adotou-se o método da Análise do Discurso de Linha Francesa em que, segundo Michel Pêcheux (2006), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Isso posto, o indivíduo é questionado em sujeito pela ideologia e é, assim, que a língua faz sentido.

Dessarte, Eni Orlandi (2012) corrobora a Análise do Discurso de Linha Francesa na qual considera as condições de produção em que a obra foi escrita, o contexto histórico-social do país e a história de vida do autor, destacando, pois, essas três características como muito relevantes para a análise deste estudo, visto que é através dessas ferramentas que será realizada a análise do discurso na obra em questão. Ademais, na sua concepção,

há de se levar em consideração os fatores histórico-sociais que envolveram a produção do discurso e também os sentidos implícitos e explícitos do texto.

Vale apontar, ainda, que, na análise do discurso, consoante Orlandi (2012), procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico na relação do homem com a sua história e com as construções sociais, norteado pela capacidade de significar e significar-se, validando, assim, tais sentidos no discurso do autor através das considerações de suas condições de produção, as quais compreendem, principalmente, o sujeito e a situação (contexto imediato e contexto amplo).

Nesse sentido, salienta-se que, para compreender as condições de produção no que tange ao sujeito que enuncia – Rachel de Queiroz – e a situação, foi realizada pesquisa bibliográfica relacionada à autora e ao período histórico em que se insere a obra *O Quinze*, além de ter sido considerada a ideologia intrínseca ao discurso produzido pelo sujeito que fala no texto consoante os estudos de Pêcheux (2006).

Ademais, sublinha-se que foi adotada a perspectiva ecocrítica como mais um mecanismo de análise, tendo em vista que, conforme Garrard (2006), as relações entre Literatura e Ecologia são bastante relevantes para uma criteriosa e abrangente investigação em torno das relações homem-ambiente, considerando o universo interdisciplinar que permeia a dinâmica da vida em sociedade na imbricação com a cultura e a natureza.

Sendo assim, para construir o marco teórico deste artigo, foram acessadas 28 publicações, dentre elas: artigos científicos, localizados em periódicos online e em anais de eventos disponíveis eletronicamente, que remontam às primeiras décadas dos anos 2000, além de e-books, bem como livros de críticos literários brasileiros e teses de doutorado, cuja totalidade do referencial teórico data de 1915 (aporte clássico) até consultas que foram realizadas em sites da internet no primeiro semestre de 2021.

## **AS RELAÇÕES TOPOFÓBICAS E TOPOFÍLICAS NA OBRA *O QUINZE*, DE RACHEL DE QUEIROZ**

Inicialmente, ressalta-se que a obra *O Quinze*, traz à tona um problema bastante comum no semiárido cearense: a seca. A partir desse fenômeno, desencadeiam-se outros imbróglis, como a problemática dos retirantes e a miséria. Para discutir essas questões, a jovem escritora apresenta personagens que vivenciam a tragédia das condições famélicas desses sujeitos, destacando, em primeiro plano, os sertanejos: Chico Bento, Cordulina e seus filhos, uma família de retirantes que tenta sobreviver na mais absoluta penúria.

Desse modo, o fenômeno da estiagem no Nordeste brasileiro e a falta de políticas públicas adequadas para mitigar a miséria ocasionaram a morte de milhares de sertanejos. Segundo registros históricos, apresentados por Scoville (2011), as secas mais graves datam

de 1877-1879; de 1915; de 1934-1936 e de 1979-1985, devastando consideráveis populações humanas, bem como as florísticas e faunísticas do semiárido, imprimindo, por conseguinte, um cenário de desolação.

Entretanto, este artigo tratará, apenas, da seca de 1915, ambientação do enredo da obra *O Quinze*. Nesse sentido, com a abrasadora seca de 1915, que assolou o sertão cearense, surgiu o primeiro campo de concentração (como é retratado na obra em epígrafe) ou o curral do governo, que tinha por objetivo impedir que os flagelados saqueassem a capital. Tal “depósito de gente” foi, conforme sublinha Scoville (2011), instalado no Alagadiço, a oeste de Fortaleza, com, aproximadamente, oito mil pessoas mal alimentadas e mal cuidadas, vigiadas por soldados do governo.

Com vistas a reverberar a imbricação entre a História e a Literatura, vale frisar os seguintes fragmentos do décimo quarto capítulo da obra em apreço: “Da escola, ia, para o Campo de Concentração, auxiliar na entrega dos socorros” (QUEIROZ, 2012, p. 43); “— Ela faz parte do grupo de senhoras que distribuem comida e roupa aos flagelados” (QUEIROZ, 2012, p. 44).

Desse modo, observa-se que a responsabilidade do governo era mínima, apenas a cessão de um espaço fétido e deplorável. Em outras palavras, os retirantes, para não morrerem à míngua, contavam com o altruísmo e o voluntariado de algumas senhoras que se sensibilizavam com a situação miserável em que viviam os sertanejos. E essa ação, segundo Scoville (2011), configura-se como autobiográfica, uma vez que Rachel de Queiroz se deslocava, juntamente com as suas tias, aos campos de concentração de Fortaleza-CE, a fim de prestar auxílio humanitário aos flagelados da seca.

Retomando à obra em exame e, portanto, a condição deletéria a que estavam submetidos os retirantes cearenses, destacam-se os seguintes trechos do décimo primeiro capítulo: “Conceição atravessava depressa o Campo de Concentração. Às vezes, uma voz atalhava: — Dona, uma esmolinha, ela tirava um níquel da bolsa e passava adiante, em passo ligeiro, fugindo da promiscuidade e do mau cheiro do acampamento” (QUEIROZ, 2012, p. 35); “Que custo, atravessar aquele atravancamento de gente imunda, de latas velhas e trapos sujos” (QUEIROZ, 2012, p. 36).

Esse fragmento narrativo da obra *O Quinze*, coaduna as cenas reais e dramáticas por que passavam os sertanejos nos campos de concentração, implantados pelo governo, a fim de servir como depósito de “lixo humano”, abandonado e esquecido pelas autoridades que deveriam lhes garantir dignidade. Nesse contexto, sob um viés histórico, reporta-se aos campos de concentração instaurados durante a Segunda Guerra Mundial, nos quais os judeus eram aglomerados e exterminados. De modo análogo, assim também eram tais

espaços para os retirantes, que morriam de fome e de doenças em face do ambiente promíscuo e insalubre, impróprio, inclusive, a animais ditos irracionais.

Abandonados pelo Poder Público, os sertanejos da obra em questão se refugiavam na espiritualidade. Outrossim, no primeiro capítulo, aparecem as marcas de uma profunda religiosidade do (a) sertanejo (a) em meio às duras consequências de um longo tempo de estiagem conforme ratificam os trechos a seguir: “Depois de se benzer e de beijar duas vezes a medalhinha de São José, dona Inácia concluiu: dignai-vos ouvir nossas súplicas, ó castíssimo esposo da Virgem Maria, e alcançai o que rogamos. Amém” (QUEIROZ, 2012, p. 12).

Esse pedido fervoroso remete à fé de que São José, com providências divinas, intercederá pelo sertão, enviando chuva para amenizar tamanho sofrimento. Consoante Silva Júnior (2009), historicamente, o sertanejo permaneceu-se envolto numa atmosfera de resignação aos ditames de Deus no seu sofrível cotidiano em meio a um espaço inóspito, em que o sol também surge como personagem.

Para essa análise, cabe sublinhar, também, as contribuições de Freud (1915a, 1915b), quando afirma que há duas pulsões que permeiam a natureza humana: a de vida – Eros, e a de morte – Tanatos. Igualmente, esses universos duplos não são antagônicos, mas se complementam, e essa dualidade faculta ao ser humano lidar com as diversas facetas da vida. Nesse contexto, a fé, para Freud (1939), configura-se como uma “pulsão de vida”, propiciando ânimo e esperança ao sertanejo e isso o impulsiona à superação das adversidades ambientais e econômicas, como a seca e a pobreza.

Sob outra perspectiva, pondera-se que as obras literárias, a mídia e os intelectuais de um modo geral reproduziam a visão de que a seca é produto da vontade de Deus, impregnando de fanatismo um problema que decorre de questões éticas e políticas. Esse discurso serviu, portanto, por muitas décadas, para camuflar as intenções políticas de manutenção desse cenário funesto, a fim de que oligarquias permanecessem no poder, em troca de pequenos favores aos sertanejos.

Segundo Oliveira (2006), essa preocupação com a seca é recorrente no sertanejo e, embora as secas não necessitem de previsão, pois são quase certas, o temor de que ocorram, sem que esteja preparado para tanto, leva o sertanejo a notar seus prenúncios com a mesma ansiedade com que observa os indicativos de chuva. Esse conhecimento popular pode ser atestado nas passagens a seguir: “— E nem chove, hein, Mãe Nácia? Dona Inácia levantou para o telhado os olhos confiantes: — Tenho fé em São José que ainda chove! — Eh! A lua limpa, sem lagoa! Chove não!” (QUEIROZ, 2012, p. 12).

Embora a fé dos sertanejos fosse intensa, crendo, pois, em dias melhores com a vinda das chuvas, os saberes antigos que eram passados de geração a geração apontavam a continuidade da seca, preocupando aqueles que dependiam da terra e da natureza para

sobreviverem. Esses saberes populares, consoante Magalhães (1963), representam muito para a previsão do tempo no sertão, uma vez que, para os sertanejos, tais experiências valem mais que toda a ciência dos doutores, visto que são tradições orais que vêm de outras eras, perpassadas por seus ancestrais.

Sob esse viés, de acordo com Santos (2007), os conhecimentos populares, sejam eles, provenientes dos sertanejos ou de qualquer outro grupo invisível, configuram-se como ecologia de saberes, que tem como premissa a ideia da diversidade epistemológica do mundo e o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento, além do científico. Nessa perspectiva, o empirismo do sertanejo, fruto da observação da natureza e de experiências de vida acumuladas, não raro, torna-se mais eficaz do que o estudo meteorológico para aquela região.

Tendo em vista uma melhor compreensão dos personagens que se inserem nesta obra e, por conseguinte na análise deste manuscrito, segue um quadro explicativo acerca desse elenco (quadro 1).

**Quadro 1** - Quadro descritivo dos personagens da obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz

Personagens	Caracterização
Chico Bento, Cordulina	Retirantes cearenses
Josias	Filho de Chico Bento e Cordulina
Conceição	Professora e voluntária no Campo de Concentração em Fortaleza-CE
Dona Inácia (“Mãe Nácia”)	Avó de Conceição
Vicente	Proprietário de fazenda, amante da terra e pretendente de Conceição.
Dona Idalina	Mãe de Vicente
Lourdinha	Irmã de Vicente
Mariquinha	Amiga de Lourdinha
Dona Maroca	Proprietária da terra onde Chico Bento trabalhava antes da seca.

**Fonte:** autores.

De outra parte, o sertanejo, apesar de desfrutar de algumas características em comum, diverge em outras. Isso se pode notar, quando se observa a (re) ação diante do flagelo da seca. Há um grupo que abandona os animais à própria sorte e outro que luta de sol a sol, com o objetivo de manter vivo o maior número possível do rebanho conforme se pode ratificar com base no trecho a seguir, extraído do segundo capítulo:

O compadre já soube que a dona Maroca das Aroeiras deu ordem pra, se não chover até o dia de São José, abrir as porteiras do curral? Vicente pensava sombriamente no que seria de tanta rês, se de fato não viesse o inverno; — Pois eu, não! Enquanto houver juazeiro e mandacaru em pé e água no açude, trato do que é meu! (QUEIROZ, 2012, p. 14).

O excerto acima traz à tona dois elementos bíblicos: o bom pastor e o mercenário. Segundo o Evangelho de São João (10; 11-13) (BÍBLIA SAGRADA, 2008), “[...] o bom pastor dá a vida por suas ovelhas; o mercenário vê o lobo e foge, e o lobo as ataca. Por ser apenas mercenário, ele não se importa com as ovelhas. Eu sou o bom pastor”. Nesse contexto, “dona Maroca” representa o mercenário que abandona o gado para o lobo – a seca – devorá-lo. Em contrapartida, “Vicente” simboliza o bom pastor, que cuida do gado e impede que a seca (o lobo) o destrua.

Outra característica marcante de “Vicente” é a resiliência, não se entregando diante dos obstáculos como bem afirma no fragmento: “Quem comeu a carne tem de roer os ossos” (QUEIROZ, 2012, p. 14). Desse modo, verifica-se que essa peculiaridade do personagem se estende a outros sertanejos que apresentam um espírito combativo e resistente, estando, pois, dispostos a enfrentar períodos de restrições e privações. Sendo assim, essas idiosincrasias formam uma representação do sertanejo, pois, conforme Reis (2001) há uma representação, quando o próprio objeto é representado de forma real e concreta. Em outras palavras, quando são percebidas correlações verossímeis e aproximativas.

Ainda no segundo capítulo da obra *O Quinze*, são frequentes as expressões “topofóbicas” (TUAN, 1982, p. 172) voltadas ao sertão, mas não são imagens de repugnância ao lugar, por não fazer parte dele, por não carregar consigo o sentimento de pertencimento como ocorre na obra de Euclides da Cunha *Os Sertões* (“terra ignota, de natureza torturada” - CUNHA, 2009, p. 29), cuja repercussão é dominante no imaginário nacional e internacional, o que há, explicitamente, é a denúncia de uma caatinga abandonada pelo governo que adota uma política de repulsa e não um projeto de convivência com o semiárido.

Segundo Roberto Marinho Alves da Silva (2003), professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, não se trata apenas de programas emergenciais e de ações de combate à pobreza. Faz-se necessário, primordialmente, a sustentabilidade com base na convivência, o que implica e requer políticas públicas permanentes e apropriadas que tenham como referência a expansão das capacidades humanas locais, sendo imperativo romper com as estruturas de concentração da terra, da água, do poder e do acesso aos serviços sociais básicos.

Para expressar esse tom de crítica social a uma caatinga desolada e, marcadamente, alheia de investimentos que propiciem a convivência do sertanejo com a seca, seguem termos e orações, retirados do segundo capítulo:

Estrada vermelha e pedregosa, orlada pela galharia negra da caatinga morta; Folhas secas no chão que estalavam como papel queimado; Verde, na monotonia cinzenta da paisagem, só algum juazeiro ainda escapou à

devastação da rama; E o chão, que em outro tempo a sombra cobria, era uma confusão desolada de galhos secos (QUEIROZ, 2012, p. 15).

Essas passagens coadunam, assim, o caráter topofóbico do sertão em tempos de estiagens prolongadas. Ademais, é oportuno sublinhar que, consoante Silva, Costa e Moura (2014), no artigo intitulado *Topofobia e topofilia em “A Terra”, de “Os Sertões”: uma análise ecocrítica do espaço Sertanejo Euclidiano* reverbera-se a perspectiva topofóbica euclidiana no tocante à percepção da caatinga, uma vez que o escritor, oriundo da região Sudeste, deixa emergir uma visão de repulsa ao semiárido nordestino, apresentando, pois, uma narrativa preconceituosa como se a fitofisionomia da caatinga fosse, exclusivamente, seca, sem vida e, portanto, inóspita.

Ainda segundo Silva, Tabarelli e Fonseca (2004), a fitofisionomia da caatinga (conforme figura 1) apresenta clima semiárido, vegetação com pouca folhas e adaptadas para os períodos de seca. Nessa época, quase todas as plantas perdem as folhas para diminuir a transpiração e evitar a perda de água armazenada. No inverno, devido à ocorrência de chuva, as folhas verdes e as flores voltam a brotar. Entretanto, mesmo em meio a essa irregularidade, na caatinga há uma considerável biodiversidade, seja de flora, seja de fauna. Dessa forma, a visão unívoca desse bioma como tão somente seco e sem vida é errônea, uma vez que, durante o período chuvoso, a vegetação adquire outro aspecto: verde e fadado a um visível desenvolvimento.

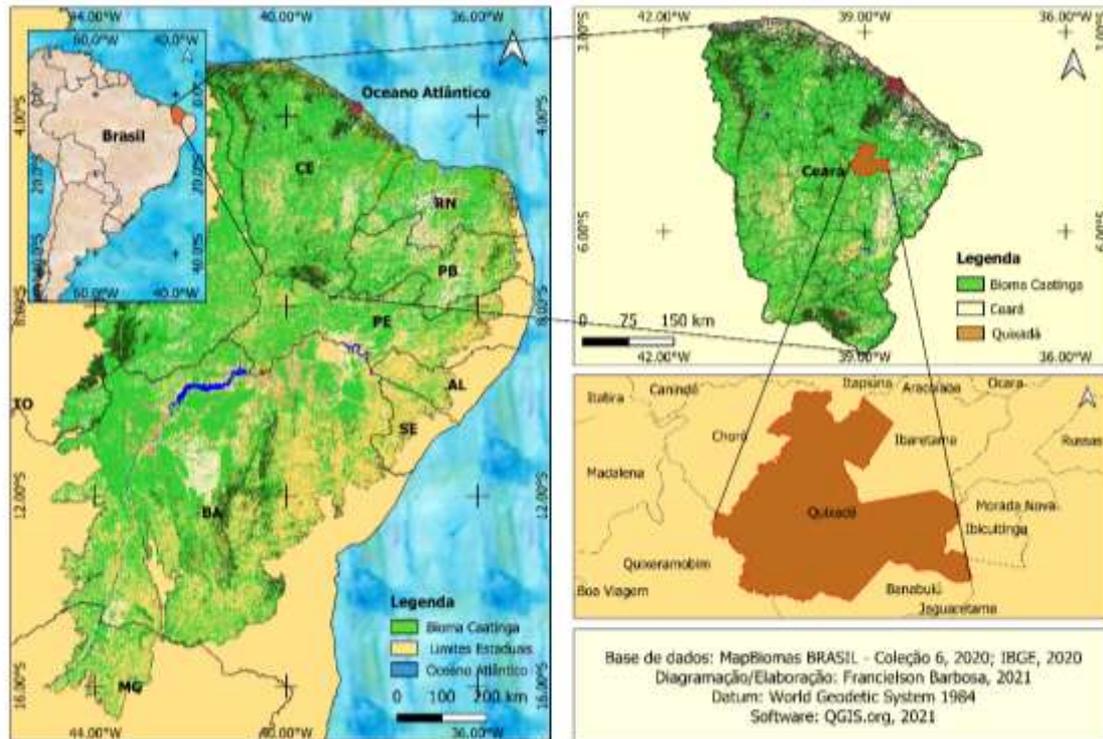
Nesse íterim, salienta-se que, mesmo diante de eloquentes críticas voltadas ao abandono do sertão nordestino, como, por exemplo, na obra *O Quinze*, somente em 1980, conforme Silva (2003), surgiram as primeiras pesquisas destinadas à área de sequeiro, com foco na necessidade de se conviver com a seca, mediante o desenvolvimento de tecnologias e alternativas apropriadas ao homem do semiárido. Tais pesquisas foram lideradas pela Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, e pela Embrater - Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural.

A partir daí, o grande desafio seria divulgar ao homem do sertão o uso e a eficácia das tecnologias desenvolvidas e como torná-las viáveis ao sertanejo por meio de linhas de crédito acessíveis aos pequenos agricultores e pecuaristas. Ainda hoje, os entraves políticos e éticos da convivência com a seca e com o semiárido são gigantescos, embora sejam inegáveis os avanços que ocorreram, ao longo das décadas, se compararmos com o início do século XX, mais especificamente o ano de 1915, narrado no romance *O Quinze*.

Retomando o enredo da obra em apreço, vale assinalar trechos do terceiro capítulo que frisam o cenário angustiante da seca, bem como a porosidade emocional e de sina entre os animais e o sertanejo, absorvendo, pois, as características de ambos facilmente:

Chico Bento bateu os paus na porteira e foi caminhando devagar, atrás do lento caminhar do gado, que marchava à toa, parando às vezes, e pondo no pasto seco os olhos tristes, como numa agudeza de desesperança; Outras reses seguiam cabisbaixas, na mesma marcha pensativa; O marmeleiral esquelético, era tudo cinzento, o próprio leito das lagoas vidrara-se em torrões de lama ressequida; — Ô sorte, meu Deus! Comer cinza até cair morto de fome! (QUEIROZ, 2012, p. 18).

**Figura 1:** Mapa do Brasil, com destaque para o bioma caatinga, estado do Ceará e município de Quixadá, principal dimensão espacial (ecológica e geopolítica) de desenvolvimento da obra *O Quinze*



**Autor:** Francielson Barbosa, 2021.

Igualmente, observando essa dramática descrição-narrativa do sertanejo em tempos de seca, evidencia-se o aspecto trágico da cena, peculiaridade da autora, que, conforme Lobato e Pereira (2011, p. 6), apresenta uma atmosfera cíclica: “[...] é caminhar, caminhar e se deparar com tudo seco, cinzento até morrer de fome” como um destino implacável e irrevogável. Era, assim, a imagem da seca no Nordeste do início do século XX. Para os autores, através de seu tom trágico, a seca suscita ao personagem e, indiretamente, ao leitor, a humanização através da desumanização, metamorfose extraída do desespero (como a morte certa dos retirantes e dos animais). Dessa forma, em meio a essa tragédia humana, o ambiente é topofóbico.

Outro ponto que deve ser sublinhado é a senciência dos animais, delineada na cena, a partir das descrições: “olhos tristes como numa agudeza de desesperança”; “na mesma marcha pensativa” (QUEIROZ, 2012, p. 18). Desse modo, as emoções do gado se integram

às do vaqueiro Chico Bento e vice-e-versa. Segundo Wohlleben (2019), uma manada de elefantes cuida de seus membros, ajuda os indivíduos doentes e fracos e reluta até em deixar os mortos para trás. Isso corrobora a tese de que os animais são seres sencientes, posto que demonstram sentimentos (amor, tristeza, compaixão) e têm consciência de si e do seu entorno.

Esse é um grande passo para a conquista dos direitos dos animais, visto que eles têm sentimentos (dor física e psicológica – angústia), podendo, pois, experimentar emoções negativas e positivas, além, é claro, de terem consciência de si e do seu entorno, mesmo que em nível diferente dos humanos e essa percepção é, fortemente, sinalizada na obra *O Quinze*, principalmente por aqueles que lidavam, diretamente, com o rebanho.

Vale ponderar que uma representação muito frequente do sertanejo é a de um vaqueiro rude e iletrado e que, portanto, não corresponde aos padrões almejados pela classe dominante. Isso é o que se observa nos trechos a seguir, quando a mãe de Vicente, relativamente abastada, lamenta por ele não ter seguido a carreira do irmão, de quem se orgulhava.

“Todo o dia a cavalo, trabalhando, alegre e dedicado, Vicente sempre fora assim, amigo do mato, do sertão, de tudo o que era inculto e rude. Sempre o conhecera querendo ser vaqueiro, apesar do desgosto que com isso sentia a gente dele” (QUEIROZ, 2012, p. 16). “A pobre senhora sentiu os olhos cheios de lágrimas, e ficou chorando pelo filho tão bonito, tão forte, que não se envergonhava da diferença que fazia do irmão doutor e teimava em não querer ser gente” (QUEIROZ, 2012, p. 17).

Esses excertos traduzem a colonialidade do poder, do saber e do ser. Logo, a mãe de Vicente, D. Idalina revela uma segregação destinada ao próprio filho que representa o pobre, o inculto e o inferior, um grupo social ao qual a elite é indiferente e procura manter distância, para reforçar a sua superioridade. Segundo Grosfoguel (2008), a cultura colonial dicotômica superior/inferior; letrado/inculto permanece entranhada na sociedade e, por conseguinte, sendo reproduzida nas interações humanas, com vistas a consolidar exclusões e subalternidades.

No quinto capítulo da obra em exame, emerge, também, a situação trágica do retirante: sem comida, sem morada, sem dignidade, sem nada. Esse contexto dramático pode ser reverberado nas passagens a seguir: “Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse” (QUEIROZ, 2012, p. 21); “— Que passagens! Tem de ir tudo é por terra, feito animal! Nesta desgraça quem é que arranja nada!” (QUEIROZ, 2012, p. 23). Desse modo, ratifica-se uma geografia topofóbica que expulsa o homem do campo de seu lugar.

Para Sales e Oliveira (2019), o fluxo migratório de nordestinos (como refugiados ambientais), em razão das secas, ocorreu de duas formas principais: os que foram deslocados temporariamente e que regressaram como foram os casos da personagem Mãe Nácia (“Fazia vinte e cinco anos que eu não saía do Logradouro” – QUEIROZ, 2012, p. 25; “Desde as primeiras chuvas, dona Inácia iniciou seus preparativos de viagem. Desejava ir embora o mais depressa possível. Enfim! Voltava ao Logradouro” - QUEIROZ, 2012, p. 75) e da família de Vicente que se mudou, quando os impactos da estiagem se agravaram (“Todos se mudaram pro Quixadá, só Seu Vicente ficou na fazenda” - QUEIROZ, 2012, p. 36). E a outra forma de fluxo de retirantes nordestinos ocorreu mediante o deslocamento daqueles que partiram do campo (terra natal) em busca de dias melhores, em face da inviabilidade de retorno ao seu território como se observa o exemplo do retirante Chico Bento e sua família (“— Mas, Chico, eu tenho tanta pena da minha barraquinha! Onde é que a gente vai viver, por esse mundão de meu Deus?” - QUEIROZ, 2012, p. 21).

E essa segunda possibilidade é a mais trágica e a mais recorrente na obra em apreço conforme se pode atestar em fragmentos de alguns capítulos: “Debaixo de um juazeiro grande, todo um bando de retirantes se arranchara” (QUEIROZ, 2012, p. 27); “De tarde, quando caminhavam com muita fome” (QUEIROZ, 2012, p. 34); “Sombras vencidas pela miséria e pelo desespero que arrastavam passos inconscientes, na derradeira embriaguez da fome” (QUEIROZ, 2012, p. 42). Desse modo, por mais que fugissem da miséria, os retirantes só encontravam fome pelo caminho, em virtude da ausência de políticas públicas para a convivência com o semiárido. Sendo assim, a paisagem descrita é topofóbica, expressando, pois, o horror da decrepitude do ser humano em meio a um ambiente inóspito e desprezado.

Isso decorre de uma política centralizadora, na qual os recursos federais, destinados para o eixo São Paulo-Minas Gerais, desenvolviam as regiões Sudeste e Sul e desprezavam o Norte e o Nordeste, cujos miseráveis, sem o amparo do Estado e da sociedade, pereciam à margem da República do Café-com-Leite. Segundo o historiador Boris Fausto (2013), essa República oligárquica vigorou entre os anos de 1898 e 1930, cuja administração girava em torno dos interesses dos paulistas e mineiros.

Nessa tônica, Rachel de Queiroz, na obra *O Quinze*, denunciou as reduzidas e ineficazes políticas públicas destinadas ao Nordeste, mais especificamente, ao sertão cearense, marcado pelas consequências da seca, que se tornou uma tragédia humana como se pode constatar nos excertos que se seguem: “De tarde, quando caminhavam com muita fome” (QUEIROZ, 2012, p. 34);

— Meu filho! Pelo amor de Deus! Você comeu mandioca crua? — Chico!  
Chico! Valha-me Nossa Senhora! O Josias se envenenou; a criança era só osso e pele: o relevo do ventre inchado formava quase um aleijão naquela

magreza, esticando o couro seco de defunto, empretecido e malcheiroso (QUEIROZ, 2012, p. 35).

Na tragédia da vida humana, de acordo com Nietzsche (1999), há forças opostas, ocorrendo a passagem do apolíneo - composto por uma estabilidade ilusória – que, na obra em apreço, é o menino Josias caminhar com os pais, mesmo com uma fome incontrolável, mas perto deles, sem pensarem na iminência da morte - para o dionisíaco, configurado pela embriaguez da realidade – que é o estarrecimento da dor em face da morte da criança - “Lá se tinha ficado o Josias, na sua cova à beira da estrada” (QUEIROZ, 2012, p. 38); “Ficou em paz. Não tinha mais que chorar de fome, estrada afora” (QUEIROZ, 2012, p. 39).

E o Deus do vinho, Dionísio, perseguia a “vida-morte e a morte-vida” dos retirantes na obra *O Quinze*, que suscita verossimilhança, por retratar a realidade tal qual ela se apresenta ou se apresentava consoante se expõem os fragmentos a seguir: “— Ah! Minha rede! Ô chão duro dos diabos! E que fome!” (QUEIROZ, 2012, p. 32); “Só talvez por um milagre iam aguentando tanta fome, tanta sede, tanto sol”; “E se não fosse uma raiz de mucunã arrancada aqui e além, ou alguma batata-brava que a seca ensina a comer, teriam ficado todos pelo caminho.” (QUEIROZ, 2012, p. 39). Outrossim, corrobora-se uma geografia topofóbica (adversa) e, terrivelmente, repugnante, gerando tristeza e pavor pelo quadro de miséria do lugar ou dos lugares por onde os retirantes passavam.

Ainda permanecendo no retrato dionisíaco que Rachel de Queiroz representa na obra *O Quinze*, vale destacar outra característica marcante do vaqueiro sertanejo: a honra. Em outras palavras, essa honradez se traduz na honestidade de ganhar o pão de cada dia com o suor do seu rosto como se verifica no trecho a seguir:

Num quintalejo, um homem tirava o leite a uma vaquinha magra. Chico Bento estendeu o olhar faminto para a lata onde o leite subia, branco e fofo como um capucho e a mão servil, acostumada à sujeição no trabalho, estendeu-se maquinalmente num pedido, mas a língua ainda orgulhosa endureceu na boca e não articulou a palavra humilhante (QUEIROZ, 2012, p. 32).

Entretanto, quando a miséria se agrava num ambiente inóspito e topofóbico, as virtudes humanas são absorvidas por um quadro desumano, que retira do homem a sua dignidade. Para comprovar essa afirmação, apresenta-se o fragmento a seguir:

Caindo quase de joelhos, com os olhos vermelhos cheios de lágrimas que lhe corriam pela face áspera, suplicou, de mãos juntas: — Meu senhor, pelo amor de Deus! Me deixe um pedaço de carne, um taquinho ao menos, que dê um caldo para a mulher mais os meninos! Foi pra eles que eu matei! Já caíram com a fome! (QUEIROZ, 2012, p. 41).

Todavia, as cenas trágicas de *O Quinze* não se restringem à miséria dos retirantes, uma vez que os sertanejos que permaneceram no campo também foram vítimas de um ambiente desolador, subumano, topofóbico, padecendo, assim, devido à falta de amparo governamental e à ausência de possibilidades de subsistência como se verifica nos excertos a seguir: “Vicente contava agora a história de uma mulher conhecida que endoidecera, quando viu os filhos morrendo à falta de comida” (QUEIROZ, 2012, p. 45); “O que desolava Vicente, o que enchia seu coração enérgico de um infinito desânimo, era a triste certeza da inutilidade do seu esforço” (QUEIROZ, 2012, p. 66).

É válido mencionar que, além do sofrimento em face da miséria, os retirantes eram vítimas de discriminação por parte da sociedade, posto que esta procurava manter distância como se aqueles fossem menos humanos ou inconvenientes conforme pode ser reverberado nas passagens a seguir: “— Abre não, menina, é retirante, é melhor fingir que não ouve” (QUEIROZ, 2012, p. 48); “— Tem gente pra tudo, neste mundo! Uma moça branca, tão bem pronta, chorar mode retirante!” (QUEIROZ, 2012, p. 64).

Esse comportamento de indiferença é fruto de uma visão etnocêntrica na qual considera o outro como inferior ou indigno. Sobre isso, ressalta-se que, segundo Lobato e Pereira (2011), em 1537, o Papa Paulo III declarou que os ameríndios eram humanos. Diante disso, infere-se que, para a cultura europeia, nem todos os homens possuíam humanidade. E esse pensamento foi difundido no período colonial e se reproduz, ainda hoje, numa sociedade segregacionista que considera o pobre destituído de humanidade.

Salienta-se que uma prática comum, nas tragédias das secas, era o fato de os pais entregarem alguns de seus filhos aos padrinhos e madrinhas de melhor condição socioeconômica conforme se constata no excerto a seguir: “— Que é que se é de fazer? O menino cada dia é mais doente, a madrinha quer carregar pra tratar, botar ele bom, fazer dele gente, se nós pegamos nesta besteira de não dar o mais que se arranja é ver morrer, como o outro” (QUEIROZ, 2012, p. 58). Tal atitude, apesar de árdua para os progenitores, fazia-se necessária para evitar a morte prematura das crianças retirantes.

Segundo Gadelha e Lima (2017), no período de secas prolongadas, o índice de mortalidade infantil é bastante significativo, haja vista a fragilidade corporal das crianças que enfrentavam a fome, a sede, a desnutrição e as doenças, principalmente, gastrointestinais. E, quando não morriam pelo caminho, padeciam na cidade, nos chamados campos de concentração, conforme se observa no fragmento a seguir:

Conceição passava agora quase o dia inteiro no Campo de Concentração, ajudando a tratar, vendo morrer às centenas as criancinhas lazentas e trôpegas que as retirantes atiravam no chão, entre montes de trapos, como um lixo humano que aos poucos se integrava de todo no imundo ambiente onde jazia (QUEIROZ, 2012, p. 70).

Diante dessa cena trágica, fica patente que a esperança de dias melhores não se concretizava na cidade e, para os retirantes, só restava a ilusão de encontrar auxílio do governo na capital, centro administrativo do Estado. Na realidade, essa assistência vinha mais da caridade das senhoras do que do Poder Público como coaduna o trecho a seguir da obra *O Quinze*: “— Olhe, todo dia, você ou a comadre apareçam por aqui, e o que nós juntarmos, em vez de se dar aos outros, guarda-se só pra vocês” (QUEIROZ, 2012, p. 55).

Abandonando esse cenário nefasto, a paisagem dá sinais de mudança com as primeiras chuvas e, concomitantemente, começa a ressurgir a esperança de dias melhores para o sertanejo, apresentando, assim, um ambiente “topofílico” (TUAN, 1980) e aprazível como se atesta nos trechos a seguir: “Enfim caiu a primeira chuva de dezembro” (QUEIROZ, 2012, p. 73); “O pasto se enramava, e uma pelúcia, verde e macia, se estendia no chão até perder de vista. A caatinga despontava toda em grelos verdes, paus esverdeados” (QUEIROZ, 2012, p. 78); “E tudo era verde, e até no céu, periquitos verdes esvoaçavam gritando. O borralho cinzento do verão vestira-se todo de esperança” (QUEIROZ, 2012, p. 79).

Entretanto, ainda existia a sombra da miséria para os que ficaram no campo e resistiram aos golpes da fome. Todavia, os raios da chuva inebriavam a possibilidade de breve fartura como se constata no excerto a seguir:

Mas a triste realidade duramente ainda recordava a seca. Carecia esperar que o feijão grelasse, enramasse, floresse, que o milho abrisse as palmas, estendesse o pendão, bonecasse e lentamente endurecesse o caroço e que ainda por muitos meses a mandioca aprofundasse na terra as raízes negras. Tudo isso era vagaroso e ainda tinham que sofrer vários meses de fome (QUEIROZ, 2012, p. 79).

Isso posto, a obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, cumpre, magistralmente, a função de denúncia da realidade, própria do regionalismo modernista da segunda fase (1930 – 1945), tendo como temática primordial a seca, mas tocando em aspectos relevantes que permeiam essa tragédia, como por exemplo, o descaso do governo, o preconceito com o retirante, o altruísmo de alguns que praticavam a caridade e a resistência do sertanejo, sobrevivendo a uma saga de penúria, com uma fé inabalável, acreditando, assim, na possibilidade de um futuro melhor.

Passando a relatar dados biográficos da autora, destaca-se que Rachel de Queiroz nasceu em 1910, na capital do Ceará. Em 1931, mudou-se para o Rio de Janeiro, mas nunca deixou de passar parte do ano em sua fazenda “Não me deixes”, no Quixadá, sertão cearense. De modo análogo, observa-se que “Conceição”, (personagem autobiográfica) em *O Quinze*, sempre passava as férias na fazenda “Logradouro”, de sua avó (“Mãe Nácia”), que estava próxima a Quixadá conforme corrobora o trecho que se segue, retirado do

primeiro capítulo: “Todos os anos, nas férias da escola, Conceição vinha passar uns meses com a avó, no Logradouro, a velha fazenda da família, perto do Quixadá” (QUEIROZ, 2012, p. 13). Daí, a forte ligação entre a vida e a obra.

Segundo Scoville (2011), outro aspecto da vida de Rachel que merece ser assinalado é a sua dedicação às letras, ora como jornalista, ora como escritora de contos, romances, peças teatrais e literatura infantil, criando, assim, um estilo próprio que se alimenta de realidades concretas, como por exemplo, a seca e o drama dos retirantes nordestinos, cujas descrições e narrações aparecem marcadas pela agudeza da observação psicológica e da perspectiva social. Analogamente, pode-se perceber no discurso da personagem “Conceição”, um profundo amor às letras em meio à escolha de sua profissão – professora – e ao hábito da leitura:

— Esta menina tem umas ideias! De fato, Conceição talvez tivesse umas ideias; escrevia um livro sobre pedagogia, rabiscara dois sonetos; Chegara até a se arriscar em leituras socialistas, e justamente dessas leituras é que lhe saíam as piores das tais ideias, estranhas e absurdas à avó (QUEIROZ, 2012, p. 13).

Igualmente, entre personagem e autora, há uma identificação projetiva. Em outras palavras, observa-se, explicitamente, uma conjunção ficção-realidade na obra *O Quinze*. Desse modo, consoante Ribeiro (2016), o conceito de identificação projetiva foi postulado por Melanie Klein, em 1946, no texto "Notas sobre alguns mecanismos esquizoides", um clássico da literatura psicanalítica. Para a autora, a identificação projetiva pode ser compreendida como uma fantasia inconsciente entre analista e analisado e, de modo semelhante, entre autor e personagem, podendo ter um caráter mais agressivo, expulsivo e, portanto, defensivo ou um caráter mais comunicativo, sendo que os mecanismos de cisão e projeção, em intensidades diversas, estão sempre implicados. Sendo assim, autores e personagens estão imbricados numa relação identitária, uma vez que os personagens de um escritor são as projeções dos desejos autorais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões ora expostas, neste artigo, acerca do livro *O Quinze*, de Rachel Queiroz, reitera-se que a geografia humanista presente na obra é, marcadamente, topofóbica. Entretanto, essa repulsa ao lugar (ao sertão) caracteriza-se por um tom dramático, essencialmente trágico, que suscita uma crítica social à condição do retirante que é expulso do campo (terra natal), em razão de longos períodos de estiagem, sem um planejamento para a convivência com o semiárido, sendo assim lançado a uma saga funesta de abandono do Estado e menosprezo da sociedade numa atitude,

predominantemente, segregacionista. Outrossim, somente quando a paisagem se transforma (de cinza para verde), ou seja, de seca para chuvosa é que aparecem trechos topofílicos.

Nesse sentido, a análise da topofobia e da topofilia, no contexto da Ecocrítica, representa as conflitantes imbricações entre os seres humanos, a Literatura e o lugar. Desse modo, uma paisagem topofóbica desencadeia um espaço e um território adversos que, por conseguinte, impulsionam um destino nefasto como o que ocorreu com os retirantes da obra em apreço, quando submetidos a períodos longos de estiagem. Entretanto, esse cenário pode ser transformado mediante linhas de crédito destinadas ao homem do sertão, a fim de adotar tecnologias que potencializem a agricultura e a pecuária da região, uma vez que a fitofisionomia da caatinga apresenta características regulares, necessitando, pois, de pesquisas sobre as suas particularidades e investimentos paralelos, com o fito de desenvolver políticas públicas de convivência com o semiárido.

Nesse aspecto, a imagem topofílica pode e deve ser fomentada pelas políticas públicas de desenvolvimento do semiárido, além da necessidade de difusão do potencial dessa região na mídia televisiva e nas redes sociais, como Facebook, Twitter, Instagram e WhatsApp, além de essa temática ser incitada pela publicação de obras literárias e científicas, bem como de matérias afins na mídia impressa e por meio da disseminação de diversas manifestações artísticas que contemplem essa bandeira, ganhando, assim, visibilidade nacional e internacional, com o propósito de desconstruir as visões, meramente, deterministas e topofóbicas do sertanejo e do sertão brasileiro.

Partindo dessa premissa, a obra *O Quinze*, desempenha, primordialmente, o papel de denúncia da realidade, típico do Modernismo e com um caráter regional-universalista ao qual a 2ª fase (1930 – 1945) se integrou, revelando, pois, a tragédia dos refugiados ambientais que, tratados como “lixo humano”, iam perecendo à margem da sociedade, assinalando, desse modo, que a seca se configura como um problema social, ético, político e, por conseguinte, não se caracteriza, simplesmente, como um entrave climático ou de ordem religiosa, em face da vontade de Deus.

Por fim, mediante a Geografia Humanista, é possível reforçar a relação ser humano - lugar que ultrapassa essa área do conhecimento, requisitando, então, uma abordagem interdisciplinar e transdisciplinar que permeia os campos da Antropologia, da Sociologia, da Filosofia, da Psicanálise, da Arte e, mais especificamente, da Literatura, trazendo, assim, as contribuições da Ecocrítica, ciência que faz a interlocução entre a Literatura e a Ecologia, mesclando elementos do clima, da paisagem, do território, da fauna, da flora, da sociedade, da cultura e da história.

## REFERÊNCIAS

**BÍBLIA SAGRADA.** Tradução da CNBB, 2008.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões.** São Paulo: Ediouro, 2009.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** São Paulo: Edusp, 2013.

FREUD, Sigmund. O Inconsciente. *In:* FREUD, Sigmund. **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1915a. p. 183-233.

FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. *In:* FREUD, Sigmund. **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1915b. p. 129-162.

FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo.** Rio de Janeiro: Imago, 1939.

GADELHA, Georgina da Silva; LIMA, Zilda Maria Menezes. Cortejo de miséria: seca, assistência e mortalidade infantil... **Revista História e Cultura**, Franca, v. 6, n. 2, p.101-118, 2017.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica.** Brasília: Universidade de Brasília: 2006.

GROSGUÉL, Ramón. La opción decolonial: desprendimiento y apertura. Um manifesto y un caso. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 8, p. 243-282, 2008.

LOBATO, Andrea Teresa Martins; PEREIRA, Eduardo Oliveira. A seca e a narrativa do trágico em O Quinze de Rachel de Queiroz. **Revista Garrafa 24**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 27, p. 1-17, 2011.

MAGALHÃES, Josa. **Previsões folclóricas das secas e dos invernos no Nordeste brasileiro.** Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

OLIVEIRA, Maria Vanilda Moraes. Prevendo o tempo em Tanquinho, Bahia. **Sitientibus**, Feira de Santana, v. 6, número especial, p. 1-15, 2006.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, SP: Pontes/UNICAMP, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Campinas: Pontes, 2006.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

REIS, Carlos. **O Conhecimento da Literatura. Introdução aos Estudos Literários.** Coimbra: Livraria Almedina, 2001.

RIBEIRO, Marina Ferreira da Rosa. Uma reflexão conceitual entre identificação projetiva e enactment. O analista implicado. **Revista Cadernos de psicanálise.** Rio de Janeiro, v. 38, n. 35, p. 1-18, 2016.

SALES, Aklla Guimarães; OLIVEIRA, Raul Miguel Freitas de. Proteção internacional aos refugiados ambientais. **Revista de Direitos Humanos em Perspectiva**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 18-34, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais.** Coimbra, v. 78, p. 3-46, 2007.

SCOVILLE, André Luiz Martins Lopez de. **Literatura das Secas: Ficção e História.** Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semiárido. **Revista Sociedade e Estado.** Brasília, v. 18, n. 1/2, p. 361-385, 2003.

SILVA, Edilane Ferreira da; COSTA, Érika Maria Asevedo; MOURA, Geraldo Jorge Barbosa de. Topofobia e topofilia em “A Terra”, de “Os Sertões”: uma análise ecocrítica do espaço Sertanejo Euclidiano. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 26, p. 253-260, 2014.

SILVA, José Maria Cardoso da; TABARELLI, Marcelo; FONSECA, Mônica Tavares da. Áreas e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade na caatinga. *In*: SILVA, José Maria Cardoso da; TABARELLI, Marcelo; FONSECA, Mônica Tavares da (org.). **Biodiversidade da Caatinga**: áreas e ações prioritárias para a conservação. Brasília (DF): MMA/UFPE/Conservation International – Biodiversitas – Embrapa Semiárido, 2004. p. 349-374.

SILVA JUNIOR, Agenor Soares. Homo Religiosus na formação do semiárido cearense. **Revista Homem, Espaço e Tempo**, v. 6, n. 11, p. 125-143, 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanista. *In*: CRISTOFOLETI, Antonio (org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL 1982. p. 165-193.

WOHLLEBEN, Peter. **A vida secreta dos animais**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

**Recebido:** outubro de 2021.

**Aceito:** dezembro de 2021.